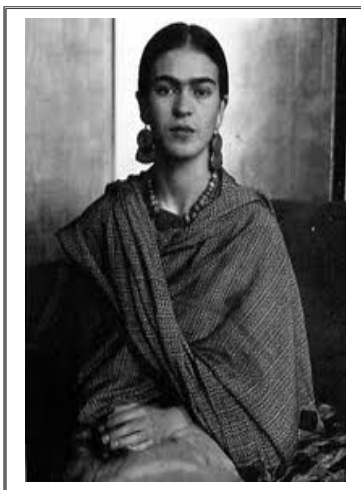


## ESPAÇO CULTURAL

### **FRIDA KAHLO: ARTE E VERDADE PELA DOR SUBLIMADA**

Jorge Anthonio e Silva\*

*“Vi Frida Kahlo apenas uma vez. E antes, eu a ouvi. Eu estava em um concerto no Palácio das Belas Artes, no Centro da Cidade do México, um prédio iniciado em 1905, no governo do velho ditador Porfírio Diaz...”<sup>25</sup>*



**Foto de Frida Kahlo**

A construção pragmática da arte, em grande medida realiza-se sob o efeito móvel dos sentidos para no prazer livre da fruição que se organiza na razoabilidade das descobertas e da imaginação. Enquanto fala, a arte diz do artista, da história do homem, da sociedade e dos deuses, como as primeiras representações artísticas, ainda na gênese da sensibilidade da espécie, que vieram a constituir a civilização plástica ocidental. Enquanto extensão sensível do sujeito, a arte promove a expansão e o aprimoramento do espírito pela ação dos belos artificios construídos pelo artista, a partir de sua capacidade de traduzir o mundo. Toda boa arte representa, em suas faturas, uma totalidade a ser percebida como qualidade pura, independente das

categorias do tempo e do espaço. A arte é uma extensão estética do homem revelada em objetos particulares capazes da excelência e universalidade manifestas na composição, na ousadia na mirada propositora de novos mundos, no desprezo pelo lugar comum e, se possível com a genialidade do verdadeiro e grande mestre. Como a paixão expressa por William Shakespeare (1564/1616) na tragédia do jovem Othelo. A obra traz ao entendimento, as mais puras qualidades de sentimentos do ciúme, da desconfiança e do ódio. Nela, o dramaturgo de Stratford upon Avon, indicou traços humanos universais e indiscerníveis por outro veio, que não o da arte. Estão vivificados no mouro comovente que se realiza sensível e cosmicamente, em cada um de nós. Essa é a beleza tangencial e educadora da arte,

\* Professor e pesquisador em Estética na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. *Web site:* <http://jorgeanthonio.zip.net>

<sup>25</sup> FUENTES, C. In *O diário de Frida Kahlo*, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1995.

recomposta em cada ato de fruição. Por isso Othelo é universal e transepocal.

...Frida Kahlo entrou em seu camarote. Foi a entrada de uma deusa asteca, talvez Coatlicue, a deusa mãe vestida com sua saia de serpentes, exibindo as mãos feridas e sangrentas do mesmo modo que as outras mulheres exibem um broche.<sup>26</sup>

Nem sempre o belo lírico e amoroso é possível. As Vanguardas européias, em especial pelo veio expressionista, abriram o espaço plástico para a fealdade, sobrepondo-a ao belo. Quanto não há esta a representar, o artista opera o feio, transita pelo sublime terrífico como Francisco Goya y Lucientes com seu aterrador “Saturno Devorando um de seus filhos”. O “Guernica”, de Pablo Diego José Francisco de Paula Juan Nepomuceno María de los Remedios Cipriano de la Santísima Trinidad Ruiz y Picasso (1881/19073) é a tradução dos horrores da guerra em sublimidade educadora na forma inaugural do Cubismo, sem amaciamentos no traço e sem recursos da cor, sem piedade com o olhar. Ganhos de expressividade como esse são a resultante da experimentação plástica, na forma de codificação paratática do fato histórico em registro artístico. Este lado patente da arte realiza-se, em boa parte da obra de Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1910/1954). Ali está presente dor sublimada.

A lancinante dor física desfaz a autonomia do corpo. Sob seu domínio desanda a percepção dos fenômenos do mundo, que passam a ser recebidos como negação da própria natureza dos sentidos. Sob seu efeito, os sons tornam-se vertigem enlouquecedora, os ventos se queimam, a luz corrói a claridade e o corpo se retorce como a serpente morrendo nas tenazes de fogo, do próprio veneno. Para quem assiste a dor do outro, não há paixão maior que a pena. Frida Kahlo não viveu sob esse domínio. Da dor física e subjetiva fez duros encaixes poéticos na tela. Do lirismo colorido do México, com sua vegetação marcante, verdura e aridez, seus desertos, suas pedras de cores únicas, seus madeiros e seus e metais. Deles tirou a essência, a seiva cáustica que a manteve em pé em uma vida curta demais para sua genialidade. Não lírica, mas trágica e pungente na comoção. Sem atos de misericórdia, engendrou no código da arte, tudo aquilo que foi possível sublimar, para viver intensamente um processo de superação de sua desgraça, em sua incrível harmonia plástica.

Antes de tudo, o corpo de Frida Kahlo. Vendo-a ali, no camarote, o ruído já silenciado, as sedas e braceletes já em repouso, as leis da gravidade já tendo

<sup>26</sup> Idem.

imposto a calma à grande platéia, já mortos os círios da procissão e desfeito o halo cerimonial, asteca, mediterrâneo e furiosamente anti anglo que envolvia Kahlo, já baixada a penumbra, tudo o que a gente podia era pensar: O corpo é o templo da alma. O rosto é o templo do corpo.<sup>27</sup>

O sofrimento alheio é insidioso e brutal, bloqueia a ação, desorganiza a plenitude do estar sereno no mundo, elimina a autonomia dos sentidos e corrói a vontade. Kahlo permaneceu muda nas contrações, isolada em seu leito em constante recuperação, eloquente e silenciosa em sua retratística constrangedora.

Ou talvez fosse Tlazolteotl, a divindade da pureza e da impureza no panteão indígena, o abutre feminino que devora as sujeiras para manter o universo limpo. Ou, quem sabe, víamos a Mãe Terra Espanhola, a Dama de Elche, enraizada no solo pelo peso do seu elmo de pedra, seus brincos tão grandes quanto rodas de carros, os peitorais devorando-lhe os seios, os anéis transformando suas mãos em tenazes.<sup>28</sup>

Dor é a experiência da dor. É um fim desesperadamente ansiado, o que não foi pouco na vida da artista. Uma vez debelada de sua intensidade desorganizadora, essa brutalidade pungente e indizível, torna-se a delícia física do alívio. Resulta de desarranjos químicos ou de interrupções físicas do corpo por razões do próprio corpo ou por realidades a ele externas. Sob sua inclemência, essa vilania potente e aflitiva transita informando o sistema que a sente nervoso em estímulo (*noceptiveivo*), para que seja percebida, e desespere a arquitetura divina do corpo.

Nos dicionários não há sinônimos precisos para "dor", o que demonstra sua intradutibilidade em discurso e sua existência nos limites de sua própria extensão. Essa situação aflitiva, asfixiante mesmo que decodificada com as mais próximas palavras de comparação é, sempre, a experiência de cada um. Indivisível e plena, demandou de Epicuro (341/270 a. C), o sábio de Samos, uma teoria para superar as suas, oriundas de suas pedras endócrinas; *A morte não existe porque não é conhecida, pela razão durante a vida; a felicidade é impossível. É possível superar a dor*<sup>29</sup>.

Apregoava que, lembrando-se de momentos luminosos do passado, na presença de amigos em seu no exercício da escritura e leitura de cartas, a felicidade tinha morada, não a dor. Para a concepção da existência psicofisiológica dos hedonistas gregos, a dor é algoz, um princípio antiético natural do corpo, posto que se

<sup>27</sup> Idem

<sup>28</sup> Idem

<sup>29</sup> Epicuro, *Carta Sobre a Felicidade*, São Paulo, Editora UNESP, 2002.

antepõe ao prazer como constituição final da vida plena de felicidade à qual estamos por, natureza, determinados.

Nascida em seis de julho em Coyoacán, então arredores da Cidade do México, cedo conheceu a dor física e moral. Pronto percebeu-se diferente, antes da maturidade sentiu as puras qualidades de uma interdição íntima causada pela pólio que cedo a afetou. Em 1914 foi acometida pela poliomielite que lhe deixou com um defeito físico para sempre; uma perna menor que a outra. Passou a ser “Frida Pata de Palo”<sup>30</sup>. No tempo em que a juventude exala prazeres sempre inconclusos, foi vitimada por uma colisão com um bonde em que estava e que lhe deixaria marcas deletérias, seu legado de dor, para sempre. Filha de Matilde Calderón y Gonzáles, mestiça católica e do fotógrafo judeu, descendente de alemães austro húngaros, Guillermo Kahlo (1871/1941), nasceu partida entre a Europa dominadora de Cortez e a força telúrica dos homens de Tenochtitlán, capital do Império Asteca, destruída pelo invasor espanhol em 1521. Era, então, presidente do México o severo Porfirio Díaz (1830/1915), um mestiço que lutou contra o imperador Maximiliano (executado pelas tropas de Juárez em 1867) e iniciou o estado moderno em meio a extremo crescimento populacional. Foi deposto em 1911, por uma insurreição nacional articulada por Francisco Madero (1873/1913), cuja política transitou pelas convulsões geradas na radicalização camponesa e pela atuação politicamente desordenada de Emiliano Zapata (1879/1919) e Pancho Villa (1878/1923), líderes populares.

Frida Kahlo parecia mais uma Cleópatra partida escondendo seu corpo torturado, sua perna atrofiada, seu pé quebrado, seus espartilhos ortopédicos, sob os espetaculares atavios da camponesa do México, que, há vários séculos mantém suas antigas jóias zelosamente guardadas, protegidas da pobreza, para serem usadas somente nas grandes festas das comunidades agrárias. Os laços, as fitas, as saias, as anáguas sussurrantes, as tranças, os toucados lunares abrindo-se sobre a sua face como asas de uma borboleta escura: Frida Kahlo, mostrando-nos tudo aquilo que o sofrimento não fora capaz de emurcheçar, nenhuma rigidez doentia, sua infinita variedade.<sup>31</sup>

Diferentemente das mulheres de sua época e para disfarçar o inexorável defeito, adotou vestes masculinas, passando a usar calças e ternos bem cortados, como os rapazes burgueses de então. Sem

<sup>30</sup> Frida Perna de Pau

<sup>31</sup> FUENTES, C. In *O diário de Frida Kahlo, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1995.*

os enfeites femininos assumiu a representação de algo que poderia ser, além de diferente, ainda maior, livre, imperativo e, talvez autônomo: a figura do homem. Passou, depois, a evocar uma visualidade popular com vestes camponesas com pesados braceletes de pedras mexicanas, exagero nas jóias, penteados ajazados com flores frescas. Sua estudada vibração refletia-se nas cores vivas dos tecidos e xales que disfarçavam um corpo retorcido. Na mesma instituição onde humilhada pela inconsequência infantil, conheceu seu deus e algoz, o gênio de Diego Rivera (1886/1957) que ali veio pintar murais. O muralismo foi obra plástica educativa no México, por determinação do ministro da cultura do governo do Presidente Álvaro Obregon (1880/1928), José Vasconcelos. Tornou-se o movimento educativo de âmbito popular, como as narrativas religiosas nos frisos e paredes das catedrais barrocas. Em grandes dimensões, os muralistas representaram em edifícios públicos, a história mítico social, com ênfase na crítica política e na glorificação de heróis mexicanos. A adolescente Frida desenvolveu e aprofundou, com o tempo, a admiração sacra e incontida por Rivera. Ele viria a ser, simbolicamente, seu motivo, seu eros, seu pai, seu País e, concretamente mais um de seus intermitentes algozes numa relação de admiração irrestrita, respeito criativo, abandono, humilhação e júbilo. Pretendia estudar medicina, mas contrariando a própria vontade, em 1925 iniciou-se em gravura com Fernando Fernández, professor e amigo de seu pai, Guillermo Kahlo. Outra grande tragédia pessoal lhe ocorreu em setembro do mesmo ano, quando foi vitimada por um acidente de trânsito. O ônibus em que viajava chocou-se com um bonde na esquina. Teve a coluna e a bacia amassadas, ficando com um corrimão atravessando-lhe as costas e saindo pela vagina. Isso lhe inviabilizou o acalentado sonho da maternidade. Da demorada e solitária recuperação resultou a um pequeno quadro de feições renascentistas, um de seus inúmeros auto retratos. O “Auto retrato com Vestido de Veludo” que ofereceu ao primeiro namorado, por quem foi abandonada, em função as sequelas físicas do acidente. As primeiras dores lhe sobrevieram até descobrirem, ao acaso, que sua cirurgia inicial havia sido mal feita, obrigando-a a mais uma para correção. Atestando segurança ideológica, em momento de acirrados enfrentamentos intestinos no México, Kahlo integrou a Liga da Juventude Comunista. A relação com Rivera acentuou-se a ponto de o pintor retratá-la no afresco Distribuição de Armas, encomendada pelo Ministério da Educação. Casaram-se em 1929, ano em que o pintor foi expulso do Partido Comunista por aceitar uma encomenda do governo mexicano, contrária aos interesses ideológicos da facção. Ambos seguiram para os Estados Unidos fixando residência em San Francisco – Cal. onde Kahlo conheceu o Dr. Leo Eloesser (1881/1976) cirurgião americano, que se tornaria amigo e médico para suas constantes necessidades de cuidados. Em 1931, pela primeira vez, a artista trouxe a público um trabalho; “Frida Kahlo e Diego Rivera”, na VI Exposição Anual da Sociedade de Pintores de São

Francisco. Um libelo de paixão e originalidade, do qual Rivera surge avantajado fisicamente, perto de uma Frida pequena, mas com a decência dos dignos. No ano seguinte, um aborto natural confirmou o que em relação à maternidade já se supunha: a impossibilidade. A partir daí, uma série de complicações médicas vão aos poucos minando aquele corpo fragilizado pelo acaso e pela dor. Em 1934 retirou o apêndice, fez outro aborto e uma primeira cirurgia no pé. No mesmo ano descobriu que Rivera mantinha um relacionamento com sua irmã Cristina. Conheceu o escultor Isamu Noguchi com quem iniciou uma relação. Iniciada a Guerra Civil Espanhola em 1936, reencontrou Rivera e, superando questões pessoais, juntaram-se para a obtenção de fundos para os mexicanos contrários ao carniceiro espanhol Francisco Franco. Em 1937 Leon Trotsky refugiou-se na Cidade do México com a mulher Natalia, indo residir na Casa Azul. A estada de Trotsky em Coyoacán, onde amou Frida de forma escusa, não foi tranquila, em especial pelos constantes desentendimentos ideológicos do revolucionário russo com Rivera. No ano seguinte, em visita ao México, André Breton (1896/1966) visitou-os e passou a considerá-la uma artista surrealista, qualificação que sempre negou. No mesmo período relacionou-se com o fotógrafo húngaro americano Nicolas Murray. Expôs em New York, amou a fotógrafa Tina Modotti (1896/1942). Frida divorciou-se em 1939, quando sua reputação artística crescia no México e nos Estados Unidos. Aproximou-se mais dos surrealistas. Viveu o assassinato e Trotsky a provável mando de Moscou, pelos simpatizantes de José Davi Alfaro Siqueiros (1896/1974), outro famoso muralista, como José Clemente Orozco (1883/1949). Foi presa para interrogatórios, por dois dias. Anêmica, com infecção renal, reconciliou-se com Rivera, com quem se casou pela segunda vez, em 1940. Com o agravamento de problemas de saúde e a morte do pai, entrou em profunda depressão, quando se refugiou na companhia de seu cão Sofrimento. Em 1943 iniciou carreira de professora, que duraria dez anos, na Escola de Pintura e Escultura do Ministério da Educação, a La Esmeralda. Agravou-se a situação de Frida com sucessivas cirurgias, com o uso de inúmeros coletes de gesso e de aço, intermináveis visitas médicas, o que não lhe impediu de iniciar um novo relacionamento com um refugiado espanhol no México. Enxertos ósseos, pneumonia, traições de Rivera com a célebre e bela atriz Maria Félix (1914/2002), gangrena no pé direito, seis operações na coluna, infecção nos ossos enxertados eram amainadas com as doses crescentes e descontroladas de morfina, aplicadas pela irmã Cristina. Tanta privação física, e tanto constrangimento moral pelos defeitos físicos não diminuíram em Kahlo a força criadora e a determinação política. Pintou-se, copiosamente, dando novo alento à retratística latino americana. Na cama, onde imobilizada de forma

intermitente, a mãe instalou um espelho no dossel, para que se visse e pudesse se retratar. Participou de manifestações públicas contra a invasão da Guatemala pela Cia, ganhou no Prêmio Nacional de Artes e Ciências. Em 1951 estava em cadeira de rodas e, em seguida acamada até a morte. Escreveu um diário em imagens entrecortadas por pequenos textos e alguns aforismos. Em 1954, julho 13 foi encontrada morta oficialmente de embolia pulmonar com suspeição de suicídio por overdose de remédios.

Ela jamais fechou os olhos. Por isso, aqui, ela diz a cada um de nós e a todos nós, “Estou escrevendo com os meus olhos”.<sup>32</sup>

O desenho primoroso de Frida, seu traço de seguro, quase fotográfico, suas paisagens seculares tinham se tornado expressionista não por opção, mas pelo descontrole da mão, por fraqueza física, pelo tremor. Uma vida transformada em linguagem do sublime, com auto retratos plenos de nobreza humana, com suas sobranceiras espessas, um ligeiro bigode, olhar determinado e único, central e orgulhoso, entre a natureza árida e as regiões foliares mexicanas, suas pedras, a terra habitada por divindades, história e paixão.

O âmbito internacional das artes vive, hoje, o “kahlismo” ou “fridismo”, um movimento de empatia com a vida e a obra da artista, na qual soube sublimar a potencial dor em um corpo por aquela desfigurado. A arte transcende a finitude do ser e remete o homem à esfera do sagrado, quando a humana face suplanta a alteridade da qual o mundo é mero palco...

...pinto, a mim mesma porque sou sozinha e sou o assunto que conheço melhor...<sup>33</sup>

Recebido em 30/10/2011  
Aprovado em 04/11/2011

<sup>32</sup> Frase de Frida Kahlo.

<sup>33</sup> Frase de Frida Kahlo.